

GAZETA MERCANTIL *ave p. 29*

“Esperamos negociação inovadora e inteligente”, afirma Bresser

por Maria Helena Tachinardi
de Brasília

Ao sugerir que o governo brasileiro para atrair investimentos externos “reconsidere a moratória dos juros, reinicie relações produtivas com a comunidade financeira internacional, restabeleça uma ordem econômica doméstica, adote um nacionalismo mais prático do que político e não crie restrições ao capital estrangeiro que tanto ajudou o Brasil”, Alfred Taubman, um dos mais importantes empresários norte-americanos, diretor do Chase Manhattan Corp. e “chairman” da maior empresa do setor imobiliário dos Estados Unidos, acabou provocando constrangimento em um almoço, ontem, do qual participaram o ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, e o relator da Comissão de Sistematização da Assembléia Nacional Constituinte, deputado Bernardo Cabral (PMDB-AM).

Bresser Pereira, após ouvir essas sugestões, no almoço de apresentação do seminário “Conversão da dívida e novos empreendimentos turísticos”, na Academia de Tênis de Brasília, contestou: “Gostamos de ouvir conselhos mas também gostamos de dar conselhos aos visitantes”, lembrando em seguida que a decisão de fazer a moratória foi do presidente José

Sarney e que se tratou de uma resposta à incapacidade dos credores de compreenderem o problema da dívida que é estrutural e não conjuntural.

EXPORTAÇÕES

“Assistiu-se a uma piora de 30 a 50% das relações entre dívida e exportações dos países devedores nos últimos cinco anos durante os quais a renda per capita declinou”, afirmou o ministro da Fazenda. “Estamos inteiramente abertos às negociações e esperamos que elas sejam inovadoras e inteligentes”, diferentemente daquelas realizadas até o momento que “não resolveram nada”.

Bresser Pereira lembrou a Taubman e a outro credor presente ao almoço, Ragnhild Melzi, vice-presidenta do Manufacturers Hannover Trust, que o México, Argentina e Filipinas seguiram o receituário do Fundo Monetário Internacional (FMI) e não conseguiram resolver o problema de seu endividamento. O ministro falou também sobre a conversão da dívida em capital de risco dizendo que se trata de “uma pequena solução que vamos colocar em exercício”. Mas salientou que a conversão será feita de acordo com as regras e os interesses do Brasil “de forma que o investimento seja melhor do que o crédito”.

“O nosso grande interesse é que o Brasil tenha uma

integração maior no sistema financeiro internacional. Mas a dívida, como vem sendo administrada pelos credores, força a nos isolarmos e a não nos integrarmos.” O ministro concluiu seu rápido desagravo pedindo a Taubman e aos demais credores do Brasil que levassem essa mensagem a seus governos.

Taubman e Bresser Pereira, na tentativa de desfazer o mal-estar, ainda conversaram à mesa e durante o café, rodeados pelo ministro da Indústria e do Comércio, José Hugo Castello Branco, pelo secretá-

rio particular do presidente Sarney, Jorge Murad, pelos governadores Amazonas Mendes, do Amazonas, Tarcísio Buriti, da Paraíba, e pelo deputado Bernardo Cabral. Logo após o breve discurso do ministro da Fazenda, o relator da Comissão de Sistematização da Constituinte rebateu as críticas do empresário norte-americano: “A Constituinte não é tão nacionalista quanto se preocupa vossa excelência. Meu registro é que o capital estrangeiro é bem-vindo mas não se pode comprometer a soberania do País”.